

## OS CONTOS DE HERBERTO SALES

Assis Brasil

Os contos de Herberto Sales (*Histórias ordinárias*/1966 e *Uma telha de menos*/1970), reeditados sob o título geral de *Transcontos*/1974, definem e completam a sua obra de ficção — o mesmo apuro técnico e formal, a mesma visão do conflito humano e a mesma perspectiva estética de renovação.

Dos romances, *Cascalho*, *Além dos marimbus* e *Dados biográficos do finado Marcelino*, saiu a sua concepção de literatura, de realidade social e de comportamento humano. Os contos seguem a linha de sua criação maior, complementam a posição do esteta e do homem. Talvez os contos, em relação aos romances, sejam mais bem-humorados, sem deixarem de ser trágicos, nessa encruzilhada onde a vida é o dualismo rabalaisiano do sorrir e do chorar.

Herberto Sales adota dois pontos de vista técnicos para os seus contos: a narrativa linear, história de começo, meio e fim, e a narrativa de flagrante, com o corte final incisivo e sugestivo. O conto das últimas gerações tem adotando a segunda técnica, e na realidade o conto novo tem se caracterizado por abolir o enredo empolgante, a trama, ou simplesmente o anedótico.

No Brasil, pelo menos, o comportamento tem sido este, e temos hoje um grande grupo de bons contistas de flagrantes, de "manchas", de "situações", onde a peripécia do *plot* está ausente — tais contos, devido à falta do suporte "visual", ocasionalmente são confundidos com a crônica, o que, sem dúvida, é uma limitação da crítica.

O curioso, no entanto, é que os contistas de flagrantes quase sempre se dedicam ao gênero, são *especialistas*, como Dalton Trevisan e Samuel Rawet, Murilo Rubião e José J. Veiga, este ocasionalmente novelista. Os mais novos, como Dúlio Gomes, Emanuel Medeiros Vieira, Victor Giudice, continuam

fiéis ao gênero. Luís Vilela e Moacyr Scliar saíram também para o romance, mas são ainda os seus bons contos dos primeiros livros que satisfazem à crítica.

Parece-nos que o ficcionista, já *tarimbado* no romance, dificilmente adota uma nova técnica (concepção formal) para os seus contos, e estamos a nos lembrar de João Guimarães Rosa, que somente em *Tutaméia* romperia a estrutura do conto de enredo. Os bons ficcionistas norte-americanos, quer os romancistas e contistas como Bernard Malamud, ou os apenas contistas como Flannery O'Connor, sempre contaram suas histórias curtas com enredo, trama, *plot*. Carson McCullers, romancista e contista, nunca deixou de adotar uma concepção, até certo ponto tradicional, do conto, como William Faulkner.

O flagrante é válido como renovação técnica, ou o anti-realismo que voltou à moda, mas o *conto de história* continua a ter livre trânsito em todas as literaturas, através dos melhores escritores, como é o caso deste extraordinário Isaac Bashevis Singer.

É verdade que o conto de flagrante adquiriu certa autonomia criativa em relação à narrativa longa, e talvez mesmo tenha sido inventada uma nova forma literária, já desligada, acentuamos, da narrativa tradicional do romance e da novela. Balzac foi outro escritor cujos contos sempre tiveram "parentesco" técnico com os seus romances.

Com Herberto Sales se dá o mesmo: coerência em seu mundo ficcional, técnica e linguagem literária a serviço de uma organização criadora das mais eficazes. Assim, romances e contos poderão ser lidos ao nível de uma leitura informativa, objetiva, onde humor, sugestão, domínio técnico, complementam o mundo artístico criado. O código verbal, tanto nos romances como nos contos de Herberto Sales, recebe a mesma estilização literária, para que tenhamos uma linguagem da sensibilidade, muito além da simples manipulação estática da língua.

Como Herberto Sales situa seus personagens em ambientes urbanos e rurais (tanto nos contos como nos romances), a sua conduta verbal é operada a partir de vocábulos que possam conotar o interior e a cidade grande, ou o interior problemático e a simples cidade alienada. Daí nasce a sua linguagem, a linguagem dos tipos criados a partir do barro original do inventor, as características expressivas do meio ambiente — psicologia e atuação de uma comunidade, clima social, paixão humana, fervor criativo do artista.



Como já acentuamos, em Herberto Sales os contos de história preponderam sobre os contos de flagrantes, ou de enredos bem curtos, como **Os vigilantes** ou **Generoso, generoso**, ou **Morto, sem dúvida**, de mordaz crueldade. Nas narrativas urbanas o autor surge-nos mais irônico, mais satírico, e por vezes nos lembra o Machado de Assis dos pequeninos funcionários públicos, dos cavalheiros "bem postos" e pobres de espírito.

Quando o homem ama é um dos seus melhores trabalhos; bem realizado em seu espaço ficcional. É uma fábula moderna, com o seu toque de ironia, e nos lembra o mundo picaresco e dramático de Dalton Trevisan, sem ter havido propriamente influência, mas identidade de meios e concepção artística atual. Talvez daqui, desta linha mítica e utópica, eleita sob uma linguagem de nosso tempo, tenha saído o seu romance, **O fruto do vosso ventre**/1976, e o seu mais recente livro de contos, **Armando cavaleiro o audaz motoqueiro**, dois poderosos testemunhos da decadente sociedade tecnológica.

Nos contos ditos regionais, em menor número, Herberto Sales acentua a frequência dos registros verbais, das expressões populares, com amplo domínio e adequação dos vocábulos, onde se destaca a narrativa **Emboscada**, que na verdade não é uma história e sim um flagrante muito bem situado e conduzido. **A onça**, **A vingança**, completam uma trilogia de suas melhores narrativas regionais, com saldo positivo para a solução final, difícil corte sugestivo que poucos ficcionistas são capazes de realizar.

Os personagens estão inteiriços em sua configuração psicológica, social e estética. Transitam com desembaraço conduzidos pela mão do mestre, nesses **Transcontos** formalmente unos e exemplares. Não há solução de continuidade entre os dois volumes e o autor fez até bem em misturar os contos rurais e os urbanos, ambiências de característica marcante em sua ficção, quando **Cascalho** e **Além dos marimbus** já representavam a sua arte interiorana, e **Dados biográficos do finado Marcelino** situava o drama humano de algumas vidas urbanas.

Experiência fascinante no conto, Herberto Sales empreende, ainda em 1970, com **O lobisomem e outros contos folclóricos**, quando reconta, em termos literários, o nosso fabulário maravilhoso, saindo-se da empresa com alto nível criativo e enriquecendo a sua própria ficção.

As suas "versões pessoais de ficcionista", como diz o próprio autor, levam o escritor às suas fontes telúricas e má-

gicas, já presentes em seus romances regionais, formalizando-se, mais uma vez, a união entre o contista e o romancista, e alargando a visão do crítico quanto às suas matrizes criativas.

Entre o folclore do pioneiro branco e o folclore indio (distinção feita pelos sociólogos), Herberto Sales exerce a função maior do ficcionista: captar o mítico e o mágico da condição humana, o real e o aparente, as credices e os costumes. E por ter por base elementos ritualísticos, **O lobisomem e outros contos folclóricos** é o seu livro mais impregnado de uma atmosfera irreal, sobrenatural, tirando o escritor, dessa estranha via de acesso ao conhecimento, a sua verdade humana.

A aproximação entre literatura erudita e literatura oral, mostra em Herberto Sales que o homem é um só, contando ou narrando as suas histórias, reinventando-as, crendo ou descrendo dos seus próprios fantasmas, com a convicção íntima de que o real e o mágico desembocam numa mesma vertente.

Uma das qualidades marcantes deste volume, além da linguagem rica de expressões regionais, é o seu "lado humano", podemos dizer, o aspecto de simpatia com que o autor conduz as narrativas, mesmo aquelas de substrato mais dramático, como é o caso do primeiro conto, **O lobisomem**, em que o feio acaba por se transformar em beleza lírica, ou do conto **Mula-sem-cabeça**, em que o pecado traz a esperança da misericórdia.

Sobrepairando a linguagem literária de Herberto Sales, sempre eficaz e econômica, está aqui o registro algo novo do seu próprio estilo, quando assume o nível, o tom, da fábula, de inspiração, sem dúvida, bíblica, em destaque o conto **O livro do amor indígena**. E tal aspecto de sua linguagem iria servir de estelo estilístico ao romance **O fruto do vosso ventre**.

O mistério, o encantamento, a visão cosmogônica da natureza humana, fazem deste **O lobisomem e outros contos folclóricos** um repositório de sabedoria popular e um exemplar fascinante da mais inventiva literatura brasileira. Unidos pela temática mítica e pelo ritmo trabalhado da linguagem artística, estes contos se reincorporam ao fabulário brasileiro, com visão abrangente da vida e do mistério.

**Armado cavaleiro o audaz motoqueiro** (1980), o último livro de Herberto Sales publicado, tem como enfoque principal a vida robotizada e falsa da cidade, em destaque a linguagem pobre dos jovens e a linguagem tecnocrática da sociedade massificada — são contos atuais, em linguagem atual, pois o



autor, hoje, maneja seu instrumento de expressão com a maior desenvoltura, com habilidade incomum.

Como já acontecera nas duas primeiras partes de seu romance, **O fruto do vosso ventre**, é a sociedade dos ritos burocráticos e das mágicas da tecnocracia que enfeiam e estigmatizam a vida humana, vivendo o jovem ou o velho de fórmulas e condutas padronizadas. O homem é a traição de si mesmo.

Para dar este "recado", até certo ponto contundente e áspero, Herberto Sales se vale, mais uma vez, de sua ironia incisiva e de seu humor cortante, uma das características mais marcantes do ficcionista, o que empresta à sua obra um permanente designio: o de que o homem, além de traidor de si mesmo, é a caricatura de sua própria imagem.

A habilidade verbal de Herberto Sales faz com que o autor, nos diálogos entre velhos e moços, entre pai e filho, como é o caso do excelente conto **Teoria do executivo** domine o seu tema — linguagem velha, linguagem nova — para concluir, com adequada ironia, que o novo já foi velho e vice-versa, e que os modismos lingüísticos do homem sempre acompanharam a sua estreiteza e limitação de pensamentos.

Um dos contos mais inventivos do volume é **O terceiro idioma**, repositório de toda a ironia do autor e da crítica implícita aos meios de comunicação de massa, que realmente subverteram o idioma e criaram uma outra "língua". O professor de português chama a atenção do jovem candidato à novelista de televisão, que ele teria de reaprender o idioma, para se tornar famoso na TV, pois o "português de televisão resulta de todo um processo anárquico de deformação lingüístico, que contraria a tradição e a índole do idioma. Por isso mesmo eu o considero o terceiro idioma".

O primeiro, explica o professor, é o português aculturado ou não no Brasil. E o segundo idioma, pergunta o aluno. O professor apanha um papel e mostra a ele:

- Oi, cara.
- Oi.
- Tu viu? Jogão!
- Pô, cara! Me amarrei.
- Escuta, cara. Seguinte: vi teu pai ontem, cara.
- E daí, cara? Quel é a tua? Eu vejo meu pai todo dia.
- Sem essa! Tá me gozando, cara?
- Pô, te guenta, cara. Fica na tua.
- Tou na minha.
- É isso aí, bicho.
- Falou!"

Este é o segundo "idioma", o do garotão. A ironia de Herberto Sales, no entanto, não se mostra panfletária nem esquemática. Este conto, por exemplo, é de contundente humorismo e irônico até o ponto em que Cervantes investiu, furioso, contra os moinhos de vento da idiotia e da mentira.

Como já acentuamos, os personagens de Herberto Sales sempre recebem um tratamento humano, na sua ótica sensível de artista. Mesmo quando alguns são mesquinhos e baixos, há um toque de simpatia por sua mísera condição e destino — as pequenas vidas marcadas são o seu mundo, embora estas pequenas vidas, muitas vezes, sofram a influência e o impacto das vidas "bem realizadas", e todos são envolvidos em sua humanidade, ora altruística, ora miserável. Mas todos assumem a sua miséria e a sua grandeza — personagens em sua caracterização psicológica vivida e sofrida.